

RESENHA / REVIEW

LARA, Glaucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (Org.). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015, 206p.

RICARDO GUALDA *

Discurso e (des)igualdade social, organizado por Glaucia Proença Lara e Rita Pacheco Limberti e publicado em 2015 pela Editora Contexto, traz uma discussão sobre um dos temas centrais da sociedade brasileira contemporânea e dos estudos do discurso. A coleção de ensaios apresentada traz duas contribuições importantes. Por um lado, autores consagrados internacionalmente, com longas e produtivas carreiras na área, discutem o objeto que norteia o volume, qualificando o debate. De outro, o panorama de abordagens teórico-metodológicas da coleção revela a vitalidade, a multiplicidade e a abrangência dos estudos do discurso na atualidade. Em outras palavras, o livro é de interesse social tanto pelo debate sobre a desigualdade social, que está presente cotidianamente em disciplinas acadêmicas próximas, na mídia, na política e nas conversas dos brasileiros (bem como de muitos outros povos), como também interessa ao estudante e profissional da área do discurso porque, centrado em um só objeto, mostra várias maneiras de abordá-lo teoricamente.

Vale ressaltar que o quadro de autores elencados nesta coletânea apresenta alguns dos principais autores na área de estudos discursivos, confirmada na qualidade dos onze capítulos do livro. São eles (na ordem apresentada no livro), Pa-

* Docente da UFBA – Universidade Federal da Bahia. E-mail: rgualda@ufba.br.

trick Charadeau, Teun A. van Dijk, Sírío Possenti, Diana Luz Pessoa de Barros, Denise Elena Garcia, Dominique Maingueneau, Dominique Ducard, Ida Lucia Machado, Adriana Bolívar, Helcira Lima, e as coautoras Carolina C. Borges e Maria Lúcia Rocha-Coutinho. *Grosso modo*, pode-se classificar as abordagens utilizadas como afiliadas à AD (com toda sua multiplicidade), Análise Crítica do Discurso, Semiótica de orientação francesa e Estudos Culturais, mas a maioria dos ensaios apresenta elementos híbridos e perspectivas inovadoras, que não se prestam a classificações rígidas e simplistas.

Também noto que trato dos capítulos desse volume como ensaios, o que também, reconheço, é uma classificação de certa forma imprecisa, especialmente dada a variedade dos textos. Mas, embora algumas contribuições se aproximem mais do gênero artigo científico, outras são reflexões abalizadas em décadas de pesquisas dos autores na área do discurso, redigidas de forma mais didática e fluida. É clara a preocupação com o leitor e a abrangência dos textos, sem descuidar da fundamentação teórico-metodológica, mesmo que em alguns casos, até certa medida, implícita. Daí tratar dos textos como ensaios.

Como em todo volume com vários ensaios de autores diferentes, vale ressaltar aqui o que os textos têm em comum, como se relacionam entre si e que contribuições particulares trazem, o que às vezes não é tão claro para o leitor, especialmente o menos iniciado no objeto e nos estudos do discurso. Tratemos então dos implícitos, que são uma grande riqueza do conjunto dos ensaios.

A primeira questão que o livro desperta é o objeto: por que justamente a (des)igualdade social? Imediatamente o título evidencia uma oposição entre a discussão da desigualdade, com o anseio da igualdade, e um implícito: a diversidade, ou

diferença, sem a qual a discussão não teria nenhum sentido.

Claro que a centralidade do tema no debate nacional brasileiro é inegável. Diferentemente de outras sociedades, o Brasil nunca conseguiu mascarar a enorme diversidade da sua população. Mas aqui temos de diferenciar diversidade de desigualdade. De fato, como destaca Ida Lucia Machado em seu ensaio, nunca houve igualdade nas sociedades humanas, nem no século XV nem na atualidade, mesmo na França, que, como quase todas, em alguns momentos trata de resistir à multiplicidade e à mescla, trazendo um ideal de nação-povo-língua-cultura únicos e puros. Aliás, como também mostram praticamente todos os ensaios, mas mais centralmente os de Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau, Dominique Duquard e Adriana Bolívar, a desigualdade social é um tema que preocupa, de maneira central, não só brasileiros, mas europeus e latino-americanos.

Então, por que falar em (des)igualdade? Historicamente, ao menos no Ocidente, esse é um tema recorrente, do cristianismo ao marxismo. Na jovem democracia brasileira, ganhou centralidade. E por que essa forma de grafar os parênteses em (des)?

Todos os ensaios tratam da questão do reconhecimento da diferença, da multiplicidade, das várias identidades e experiências humanas como fatores legítimos e respeitáveis, seja de estrangeiros, pessoas em situação de rua, mulheres, homossexuais etc. Ou seja, por um lado, todos os ensaios problematizam as caracterizações discursivas do outro que tentam apagá-lo, anulá-lo, excluí-lo. Assim, o livro trata de realçar a desigualdade, elevar e dar voz à diferença. Mas, ao fazer isso, trata da desigualdade nas relações entre indivíduos e grupos, porque as sociedades não só criam grupos sociais como também lhes atribuem privilégios, benefícios e obrigações de ma-

neira desigual e hierarquizada, com base nas diferenças reconhecidas e nos valores atribuídos a elas.

Ou seja, temos dois tipos de apresentação dos discursos da diferença. Por um lado, temos os discursos de exclusão da diferença, que são, ao mesmo tempo, discursos de exclusão de direitos. Por outro, temos discursos de exacerbação da diferença, em que também se excluem direitos pela valoração negativa da própria diferença. Assim, estamos aqui tratando da igualdade não como negação de múltiplas identidades e alteridades, fundamentadas em afiliações a grupos e categorias sociais, mas como as hierarquias sociais e distribuição de direitos e deveres que delas advêm. Daí, (des)igualdade.

Aqui chegamos ao segundo ponto do tema da (des) igualdade. Este não é um tema escolhido simplesmente pela relevância nos discursos sociais contemporâneos. Todas as teorias do discurso tratam da desigualdade social e, mais ou menos explicitamente, adotam a perspectiva do excluído. Tomemos como exemplo três perspectivas diferentes.

Bakhtin (1993, p. 32-33) coloca que “o simples fato de que eu tenha começado a falar sobre ele [objeto] já significa que assumi certa atitude em relação a ele”. Assim, nega uma posição de neutralidade do analista em relação a seu objeto, reconhecendo a ação valorativa do discurso do próprio analista. Eni Orlandi, em Barreto (2006, p. 4), trata do tema da resistência: “[...] podemos resistir aos modos como o Estado nos individualiza. Podemos, pois, não nos submeter ao modo como as instituições nos ‘fabricam’ em série”. Com isso, já se coloca, na perspectiva da AD, em uma posição crítica como sujeito em relação a um discurso de dominação. De maneira mais contundente, Fairclough e Wodak ([1997] 2006, p. 259) afirmam que “o que é particular da Análise Crítica do Discurso é tanto que ela intervém do lado dos grupos oprimidos e

dominados como que ela abertamente declara os interesses emancipatórios que a motivam”.

O que acontece é que todas as diferentes abordagens teórico-metodológicas tratam da diferença social por si só e das suas consequências em termos da distribuição de direitos e deveres como um processo simbólico que se constrói pelo discurso. Isso se dá em processos discursivos (1) de construção da identidade/alteridade de grupos sociais, ou seja, (2) de constituição de grupos sociais, e, por consequência, (3) a desvalorização de grupos sociais dominados a partir da constituição dos discursos de um lugar de maior poder, e, ao mesmo tempo, (4) a segregação social e negação de direitos a indivíduos pertencentes a esses grupos subalternos, como mostram todos os ensaios. Assim, o tema da (des)igualdade também é absolutamente central na compreensão dos fenômenos discursivos que fundam e disciplinam a vida social, ou seja, aos estudos do discurso em si.

Fundamentalmente, o papel dos estudos do discurso é revelar como se dá linguisticamente a construção simbólica dos grupos sociais e dos mecanismos de realização do poder. No senso comum e em outras disciplinas acadêmicas que lidam com fenômenos sociais e políticos, esse é um salto, muitas vezes, automático, ou, no mínimo, excessivamente centrado no conteúdo dos discursos, ignorando a sua forma, organização e processos constitutivos. No livro em questão, temos uma ampla gama de possibilidades teórico-metodológicas de reconhecimento da estruturação e realização dos discursos.

No primeiro ensaio, Patrick Charaudeau¹ faz uma discussão do conceito de identidade – e, por consequência – de

1 Traduzido por Clebson Luiz de Brito e Wander Emediato de Souza.

alteridade, na constituição de grupos sociais, ressaltando os processos de negociação de significado entre o indivíduo e as coletividades. Ou seja, apresenta um modelo de como o indivíduo se coloca dentro do panorama de grupos sociais disponíveis e seus imaginários correspondentes. Também considera como esses indivíduos, grupos e imaginários se relacionam no conjunto da sociedade, articulando-se em imaginários nacionais e subculturas. Ao final do capítulo, ilustra a discussão com o caso das identidades europeias, fortemente fundamentadas em imaginários de identidade linguística, mencionando as tensões sociais que podem surgir por conta dessas construções simbólicas.

A seguir, Teun van Dijk² apresenta uma perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso (ACD) presente em vários outros trabalhos ao longo da sua carreira, em que discute a construção do discurso racista no contexto dos discursos das elites europeias em ambientes legitimados institucionalmente. Assim, mostra como a prática social da exclusão pela diferenciação (aqui com base na construção do conceito de raça) e da recusa de direitos a determinados indivíduos se processa discursivamente na mídia, governo, academia etc. Esse processo é conduzido por uma camada da população que detém mecanismos de composição e veiculação dos discursos de criação de grupos (raça) e da imposição de uma posição hierárquica subalterna a esses grupos por meio de instrumentos institucionais. Ou seja, analisa o discurso – especialmente da mídia – como elemento de exercício (abuso) de poder das elites com base na raça.

No ensaio subsequente, Sírio Possenti discute de uma perspectiva da AD como se constrói o discurso histórico,

2 Traduzido por Gláucia Proença Lara e Regina Célia Vieira.

questionando a correspondência direta de um fenômeno histórico a um grupo em um determinado momento de uma sociedade e um discurso. Ele apresenta um modelo que torna essa relação mais complexa e incontrolável para o indivíduo, o grupo e o próprio analista, mostrando que há tempos diferentes manifestados nos enunciados dos discursos historicamente constituídos. Assim, um determinado grupo social é constituído por discursos de longo, médio e curto prazo, que dialogam entre si, criando tensões, contradições, sínteses, além de novas composições. O autor apresenta vários exemplos de discursos sobre a mulher (o feminino) e seus papéis, condições e atribuições sociais, dos mais antigos conhecidos aos mais recentes, desvelando as tensões e relações que guardam entre si.

Diana Luz Pessoa de Barros apresenta um modelo de análise dos discursos intolerantes a partir da semiótica de orientação francesa e sintetiza os resultados de várias pesquisas, indicando a exclusão como maneira predominante de relacionar a tensão 'nós' *versus* 'eles' nos discursos. Como mostra a autora em vários exemplos, os discursos intolerantes e preconceituosos organizam-se como discursos de sanção (negativa), em que os temas e figuras opõem o 'nós' ao 'outro' de forma fortemente passional (pelas paixões malevolentes e do medo). Existem, segundo ela, outras possibilidades de organização discursiva. Pela assimilação, coloca-se a opção da aceitação do 'outro', mas desde que ele aceite apagar as diferenças que o caracterizam socialmente. Também podem ocorrer discursos de segregação, enquanto que o eticamente desejável seria o discurso da agregação, ou seja, da pluralidade e da diferença. Ao final do ensaio, mostra como essas quatro operações são possíveis na constituição de diferentes conceitos de língua (normativa, prescritiva ou descritiva).

Na linha da ACD, Denise Elena Garcia apresenta um ensaio que denuncia a vida de adolescentes vivendo em situação de rua no Distrito Federal. O enfoque da autora é o de analisar as origens sócio-históricas do fenômeno do abandono de crianças e jovens e suas consequências atuais, contrapondo a situação desses jovens a um marco legal e ético de cidadania e de direitos que lhe são suprimidos. Essa supressão é um processo discursivo, que se dá por instâncias de poder, como governo, mídia etc. Na perspectiva da ACD, a autora pretende que a análise tenha um papel revelador bem como transformador de fenômenos sociais, neste caso, a condição de privação de jovens em situação de rua com base na solidariedade e justiça social.

O ensaio seguinte, de Dominique Maingueneau³, analisa o poema “Últimos Sulcos”, de Émile du Tiers, autor francês da segunda metade do século XIX, propositalmente escolhido por ser um gênero discursivo – literário – atípico para a AD, geralmente voltada para os discursos políticos e midiáticos. Considerando as características estruturais particulares do gênero, principalmente em uma análise distanciada historicamente, mostra como a voz do autor (artista) se relaciona com o ator do seu texto – um lavrador (operário) do ponto de vista do exercício de suas respectivas funções sociais (identificação) e das suas diferentes condições existenciais e sociais (disjunção). Essa discussão se dá tanto pela análise do conteúdo do poema, como da sua forma linguística, da maneira como se opõem a fala bucólica que remete ao agricultor e a linguagem erudita do poeta, com suas respectivas afiliações sócio-históricas. Aí, ressurge uma clara relação de dominação que se manifesta linguisticamente à medida que a voz do ‘ou-

3 Traduzido por Gláucia Proença Lara e Aline Saddi Chaves.

tro' (o camponês) é mediada institucionalmente, nesse caso, pelo poeta.

Dominique Ducard, então, apresenta um ensaio⁴ em que analisa uma coletânea que reúne depoimentos proferidos no programa radiofônico da rádio France Culture chamado 'Pés no Chão'. Interessante como aqui se apresenta outra discussão da mediação da voz do dominado, já que o programa apresenta depoimentos de pessoas muito desfavorecidas da sociedade francesa. Aqui se mostram tanto os temas e condição social dos participantes, bem como as opções de registro e estilo que adotam, em contraposição ao exercício da mediação, presente nas opções linguísticas dos entrevistados em contraposição aos do programa, mas também os recortes discursivos apresentados em primeira instância no programa, e, em segunda, na coletânea. Com isso, o autor mostra como a mediação é um exercício de textualização em que a voz do 'outro' sofre profundas transformações com base na voz do seu narrador.

Ainda situado na França, o ensaio de Ida Lucia Machado traça um paralelo entre a vida de pessoas marginalizadas na Paris do século XV e da atualidade. Para isso, analisa, respectivamente, um poema de François Villon e uma reportagem do jornal 'Le Monde' *on-line*, cada um sobre um jovem diferente, ambos distantes cinco séculos um do outro, mas com histórias de vida e condições sociais semelhantes de marginalidade na capital francesa. A autora emprega recursos de análise literária e Estudos Culturais, assim como da análise semiolinguística do discurso para traçar paralelos entre as duas personagens e suas narrativas de vida, novamente mediadas institucionalmente, pela literatura e pelo jornalismo.

4 Traduzido por Gláucia Proença Lara e Aline Saddi Chaves.

O artigo seguinte, de Adriana Bolívar⁵, salta para o discurso político na Venezuela de Hugo Chávez. A autora apresenta um modelo analítico pelo qual discute o conceito de afetividade como instância de avaliação nos estudos do discurso, em que o enunciador tem o objetivo de expressar sentimentos e criar solidariedade com certos interlocutores. No *corpus* selecionado, a análise mostra a estrutura do diálogo político, bem como tipos de afetividade veiculados e as suas respectivas funções discursivas nos enunciados. Com isso, mostra que se constroem vinculações afetivas entre o enunciador e o enunciatário de aceitação (positivas) e de rejeição (negativas), com forte efeito persuasivo. Os resultados mostram como o discurso de Chávez é fortemente unificador e polarizador, criando, com base em uma ideologia política, dois campos sociais com identidades próprias e posições antagônicas na sociedade venezuelana.

Helcira Lima apresenta um ensaio que discute os papéis e lugares da mulher na sociedade brasileira contemporânea em dois filmes do cineasta Karim Aïnouz, 'O Céu de Suely' e 'O Abismo Prateado', sob a perspectiva da AD e dos Estudos Culturais. Suely e Violeta, as personagens centrais dos longas-metragens, assim como outras personagens femininas, demonstram resistência aos papéis tradicionalmente associados com a fraqueza, as emoções e a dependência, especialmente um desejo de tomar o controle de seus próprios corpos e ter autonomia em relação ao homem e à família, em um contexto de fluidez e trânsito nas grandes cidades.

O último ensaio do livro, de Carolina C. Borges e Maria Lúcia Rocha-Coutinho, discute os discursos de homens homossexuais sobre suas experiências e sua identidade de gê-

5 Traduzido pelo autor desta resenha.

nero, destacando as dificuldades decorrentes dos estigmas sociais que vivenciam. O estudo, fundamentado na ACD, tem como base entrevistas com nove homens em Goiânia em relações estáveis. Os relatos desdobram-se em quatro temas, correspondendo a quatro etapas na constituição da identidade: descobrir-se gay, assumir a homossexualidade, ser homossexual e igualdade na diferença. Nessa evolução, os próprios sujeitos passam de julgamentos da sociedade sobre o homossexualismo como desvio e anormalidade para a valorização da sua condição, mas não sem sofrer muitos preconceitos e rejeições.

Com base na breve apresentação dos capítulos acima, nota-se como o volume *Discurso e (des)igualdade social* apresenta uma rica discussão da identidade, da diferença e da desigualdade construídas linguística e discursivamente, a partir de várias perspectivas teóricas. Mais que isso, o livro nos leva à reflexão de como colocar a questão da (des)igualdade social em um discurso acadêmico, em si, essencialmente elitista? Pensando em Foucault (2003), a universidade e seu discurso são elitistas por vários motivos: pelos mecanismos de triagem e seleção inerentes aos seus processos, pelo seu funcionamento organizado e hierarquizado institucionalmente, pela sua função social de estabelecimento de discursos e de verdades, pela sua relação direta com os poderes instituídos, pelo acesso limitado que favorece que os seus membros sejam oriundos das elites estabelecidas, e pela própria natureza dos discursos criados pela academia, praticamente inacessíveis aos que não estão diretamente afiliados a ela.

Por isso mesmo, a contribuição de um volume como *Discurso e (des)igualdade social* é tão relevante. São justamente as instituições do poder estabelecido que devem procurar abrir-se ao reconhecimento da diferença e dos seus processos de

criação simbólica, bem como da redução das disparidades de direitos e deveres, também atribuídos socialmente por processos enunciativos. Talvez seja ingênuo, pretencioso ou até hipócrita pensar em trazer a voz do excluído para a academia, considerando a sua estrutura institucional e o próprio papel de mediação do pesquisador. Mas, em parte, o livro realiza essa tarefa ao trazer o objeto para a instituição e ao mostrar como analisá-lo com as suas diversas ferramentas teórico-metodológicas, ou seja, pela análise dos discursos da exclusão e do apagamento e na medida em que constrói um discurso da valorização da diferença e da igualdade de direitos.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Toward a philosophy of the act**. Austin: University of Texas Press, 1993.

BARRETO, R. G. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. *In Teias*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, p. 01-07, jan./dez. 2006.

FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Critical Discourse Analysis. *In* VAN DIJK, T. (Ed.). **Discourse as social interaction**. Londres: SAGE Publications, p. 258-284, 1997 (2006).

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003.

Resenha recebida e aprovada em junho de 2015.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>